

SEGUNDO DOMINGO APÓS NATAL

TEXTO: 1 REIS 3. 4-15

1 Leituras do Domingo

Salmo 119. 97-104: salmo acróstico que exalta a Lei do Senhor, com 22 seções, 1 para cada letra do alfabeto hebraico. Nos versículos 97 a 104 estamos na seção da letra “mem”, e os 8 versos ou começam com *mah* (“O que?”, em interrogações, “Como!”, em exclamações) ou com a preposição *min* (“de, a partir de” ou então “mais do que” em construções comparativas). Assim, os versos trazem exclamações quanto à importância da *Torah* do Senhor e sua capacidade de iluminação espiritual (*mah* v. 97, 103), ou comparações apontando como ela pode trazer sabedoria maior do que a dos que são tidos como os mais instruídos deste mundo (*min* 98-100), ou ainda fala dos caminhos que ela nos faz seguir ou evitar (*min*, v. 101-102, 104) – sabedoria geralmente é comparada com a escolha de caminhos.

1 Reis 3. 4-15: Salomão pede por sabedoria para julgar o seu povo, o que agrada ao Senhor, que promete sabedoria e ainda acrescentar riquezas e honra. Tem destaque no texto as palavras de Salomão, que ressaltam a grande misericórdia (*hesed gadol*) que Deus teve com Davi e a confiança e fidelidade que este demonstrou ao Senhor. Salomão reconhece que ele ter sido coroado rei era bênção do Senhor. Ele pediu um coração compreensivo (lit. *lev shomea' lishephot* , um coração “ouvinte para julgar”, segundo o pedido dele, “entendimento para ouvir justiça/justamente” de acordo com o que o Senhor fala). Para se ter verdadeira sabedoria é preciso “ouvir” a Palavra de Deus.

Efésios 1. 3-14: ação de graças do apóstolo Paulo, a qual é feita no início de todas as cartas às igrejas (exceto Gálatas). Os versículos 7 e 8 falam que Deus derramou a sua graça sobre nós abundantemente em toda *sabedoria e entendimento*. Para ser sábio aos olhos de Deus é preciso receber da riqueza da sua graça, a qual nos faz compreender o “mistério da sua vontade” (v.9), revelado a nós em Cristo. Tudo isso acontece pelo ouvir da Palavra de Deus proclamada, que nos traz Cristo e, por meio dele, nos concede o Espírito Santo, o “penhor da nossa herança” (v.14), ou seja, a garantia de que Jesus voltará para nos buscar. Enquanto isso não acontece, é o Espírito Santo que nos conduz na sabedoria de Deus, para discernir as coisas espirituais. Nas palavras de Jesus, “ele vos ensinará todas as coisas” (Jo 14.26).

Lucas 2.40-52: Jesus vai com a sua família a Jerusalém para celebrar a Páscoa. Lá ele gosta tanto de ouvir a Palavra de Deus no templo, que fica para trás após sua família seguir viagem de retorno. Após vários dias é encontrado e, mesmo que a surpresa de seus pais seja grande de vê-lo ali, a dele é maior ainda por eles não saberem que o seu maior prazer era ouvir a Palavra de Deus – por isso era natural ele ali ter ficado! O trecho começa dizendo que Jesus estava se enchendo de sabedoria e termina dizendo que ele crescia em sabedoria. Sendo sábio, permanece humilde e submisso aos seus pais. Sabedoria não é mero acúmulo de conhecimento ou de lições de vida, mas saber o seu lugar, dado por Deus, no mundo e viver nele para a honra e a glória daquele que nos criou e nos salvou. Assim, uma criança, um jovem, um adulto ou idoso podem ser sábios. Biblicamente isto não está ligado à idade ou à quantidade de estudo, mas à maturidade espiritual, fruto da confiança na Palavra de Deus que se escuta.

2 Tema do Domingo

Em um mundo com tanta informação disponível, com tanta conectividade, no qual em um disco rígido de um computador há mais dados do que já houve nas maiores bibliotecas mundiais do passado, o ser humano continua tendo dificuldade para viver uma vida sábia e com entendimento. As leituras procuram evidenciar a importância de ouvir a Palavra do Senhor para viver com sabedoria, escolhendo os caminhos da vida e rejeitando os da morte. A encarnação do Verbo de Deus é o mistério revelado, a salvação que é produto e ação completa e exclusiva de Deus, que nos é dado pelo pregar e ouvir da Palavra de Deus e pelo dar e receber dos sacramentos. O início de um ano da Igreja (Advento-Natal) e de um novo ano civil, é uma oportunidade para destacar a sublimidade da Palavra que se faz carne em Cristo, rejeitada pelo mundo, seus sábios e poderosos, mas não obstante é o poder e a sabedoria de Deus para a salvação de todo aquele que nele crê! Como seria diferente o novo ano caso seguissemos a sabedoria de Deus pelo ouvir atento, sincero e comprometido de sua Palavra? Nos orgulharíamos tanto de coisas que são importantes para o mundo, mas frívolas diante de Deus? Não deixaríamos de ser tão pusilânimes diante de reveses e decepções e aprenderíamos a ver a mão de Deus a guiar a nossa caminhada?

3 Os livros de 1 e 2 Reis

Os dois livros dos Reis contam a história dos reis de Israel e Judá após o reinado de Davi. 1 Reis trata da sucessão de Davi, encontrada em Salomão e o apogeu que Israel alcançou sob a liderança deste sábio monarca. No entanto, tal reinado cobrou o seu preço da população, que foi submetida a trabalho escravo temporário em favor do reino (corveia). Após a morte de Salomão, Roboão carece de sabedoria e habilidade para manter o favor e apoio do povo para o seu reinado e as tribos do norte seccionam o reino, seguindo após o insurgente Jeroboão, filho de Nebate (1 Rs 11-12). Judá permanece com a casa de Davi, sendo governado por Roboão. Esta casa real conta com alguma estabilidade por mais de 3 séculos, enquanto no reino do norte, Israel, há vários golpes e usurpações do trono.

Durante 1 Reis até o final de 2 Reis se conta a derrocada dos dois reinos, compreendida como fruto de sua rebeldia e desobediência à Palavra de Deus. Samaria cairia, em 722 a.C, sendo levada em cativeiro pelos assírios, e Jerusalém capitularia em 586 a.C., sendo levado para o exílio na Babilônia. Ao longo dos 2 livros, os reis recebem como avaliação o fazerem o que era reto, ou o que era mau aos olhos do Senhor. O padrão para se saber isso era a observância da lei do Senhor, sobretudo naqueles pontos que constam em Deuteronômio. Os reis do norte são, invariavelmente, reconhecidos como maus, porque seguiram no pecado de idolatria de Jeroboão, filho de Nebate, que foi o sucessor de Salomão no Reino do Norte (talvez Acabe sendo o maior expoente). Ele construiu 2 templos rivais e desviou o povo da adoração no lugar que Deus escolheu para habitar o seu nome, em Jerusalém. Já os reis de Judá, em sua maioria, são reconhecidos por fazer o que era reto, mas muitos deles (inclusive Salomão) recebem a ressalva de permitir a existência de lugares altos para sacrifícios (curiosamente, ele tem o sonho após um sacrifício num destes lugares). Os que recebem destaque e elogio são Ezequias e Josias, exatamente por eliminarem os lugares altos e darem centralidade ao templo de Jerusalém. Josias, sobretudo, por ter encontrado o livro da Lei e envidar esforços para que fosse ouvido e seguido pelo povo.

Podemos dizer que em Reis há duas “ênfases” diferentes guiando a narrativa. Uma delas é, naturalmente, a formal, mais institucional, ressaltando a monarquia, sobretudo a linhagem davídica, e a importância do santuário do Senhor, em Jerusalém (e o ultraje com toda a idolatria, que significa a rejeição deste único local de adoração). A outra é disruptiva, focando a atuação dos profetas e o seu chamado à fidelidade à Palavra do Senhor, menos preocupada com instituições, formalidades e governabilidade dos reis.

Elias e Eliseu são, por óbvio, os grandes expoentes, mas há também outros profetas ao longo da narrativa (Aías em 1 Rs 12 e 14; um sem nome em 1 Rs 13; Jeú, 1 Rs 16, Isaías, 2 Rs 19).

Sendo um livro que conta a história dos reis de Judá e Israel, ele é um livro que conta a história olhando para trás, muitas vezes tentando explicar o que aconteceu (ver por ex. em 2 Rs 17 a longa explicação para a causa do cativeiro de Israel). O mais provável é que ele tenha sido escrito nas últimas décadas de Judá (talvez para ressaltar a reforma Josiânica, cf 2 Rs 22), ou até durante o exílio, dado a nota de esperança com que ele termina, com a libertação de Joaquim, da casa real de Davi (2 Rs 25.27ss). Assim, muito da narrativa tem um tom de explicação quanto ao porquê da situação de Judá e Israel terem chegado a tal ponto: terem perdido seu templo, seus reis e sua própria terra. Teria Deus falhado em suas promessas? O Senhor seria apenas um deus local derrotado por deuses mais poderosos, de povos mais poderosos?

A narrativa de Reis procura mostrar que a situação não fugiu do controle do Senhor, mas exatamente por que Ele continuava no controle das coisas. Ele constantemente advertira o seu povo e, após ter sido muito paciente, permitiu o exílio. O que acontece em Reis está de acordo com o que já havia sido anunciado em Deuteronômio. Ela mostra que, enquanto os reis foram sábios e seguiram a Palavra de Deus e rejeitaram a idolatria, seus reinos tiveram estabilidade. Ela apresenta o Senhor enviando seus profetas para chamar o povo e seus governantes ao arrependimento. Os livros dos Reis mostram que o exílio foi o resultado da desobediência da nação, por ter seguido a sabedoria do mundo, e não a de Deus.

No entanto, Deus permanece fiel às suas promessas (2 Tm 2.13), sobretudo àquela feita a Davi (2 Sm 7). Ele foi fiel a ela por mais de 3 séculos e meio, até que o exílio foi inevitável – como punição, mas também como a forma de preservar para si um remanescente fiel. Nem mesmo o cativeiro foi capaz de quebrar a promessa do Senhor e, por isso, talvez a libertação de Joaquim no final de 2 Reis seja uma mensagem evangélica tão significativa.

4 O texto em seu contexto: 1 Reis 3. 4-15

Após ter o reino de Israel confirmado sob o seu domínio e estabelecer uma aliança com o maior poder regional, ao casar-se com a filha de Faraó, Salomão oferece um grande

sacrifício em Gibeom, o principal lugar de sacrifícios (o templo ainda não havia sido construído), onde também tem um sonho no qual o Senhor lhe aparece. Após retornar para Jerusalém, oferece um banquete a seus oficiais e logo se mostra sua sabedoria diante de um caso ordinário envolvendo duas prostitutas. Salomão fortalece mais e mais o seu reino, constrói o templo em Jerusalém e seus palácios. Na inauguração do templo, sua oração conclui assim: “para que todos os povos da terra saibam que o Senhor é Deus, e que não há outro. Seja perfeito o vosso coração para com o Senhor nosso Deus, para andardes nos seus estatutos, e guardardes os seus mandamentos como hoje o fazeis” (1 Rs 8. 60-61).

O Senhor novamente voltaria a aparecer a Salomão, novamente em Gibeom, para ratificar a aliança que havia feito com Davi (1 Rs 9.2ss). As advertências do Senhor acabariam se concretizando, pois Salomão, os seus sucessores e as diferentes gerações de israelitas se apartariam do Senhor. Salomão, que havia escrito que “O temor do SENHOR é o princípio do saber, mas os loucos desprezam a sabedoria e o ensino” (Pv 1.7), em certa altura, seduzido pela sabedoria do mundo, abandonou o Senhor, indo após outros deuses, tornando-se louco.

Neste sentido, é interessante o versículo anterior ao início de nossa perícopa: ela aponta para o amor que Salomão tinha pelo Senhor, ao mesmo tempo em que indica que ele tinha uma “queda” pelos sacrifícios nos lugares altos. Ao final da narrativa sobre o seu reino, é dito que ele construíra altares a deuses estrangeiros sobre montes. Lá é vaticinado: apesar de amar ao Senhor, Salomão “não perseverou em seguir ao Senhor, como Davi seu pai” (1 Rs 11.6). A indignação da parte do Senhor é grande, pois não faltou da parte deste sinais e mostras de que estava com Salomão: “Pelo que o Senhor se indignou contra Salomão, pois desviara o seu coração do Senhor Deus de Israel, que duas vezes lhe aparecera. E acerca disso lhe tinha ordenado que não seguisse a outros deuses. Ele, porém, não guardou o que o Senhor lhe ordenara” (1 Rs 11. 9-10).

O pedido de Salomão em nossa perícopa é realmente surpreendente. O que pediríamos se estivéssemos na situação dele? Ele não pede algo para benefício próprio, mas para ser empregado para o bem de outros, no caso o povo que viria a governar. Salomão entende que ele ter sido feito governante era fruto da “grande benevolência (*hesed gadol*) da parte do Senhor. É algo imerecido, produto de pura graça da parte de Deus. Esta *hesed* que Salomão afirma que Deus mantém ao estendê-la a ele também. É evidente que Salomão está evocando a promessa feita pelo Senhor a Davi em 2 Sm 7, embora nem tivesse nascido nessa época (cf 2 Sm 12.24-25). Ele é o descendente cujo reino seria estabelecido conforme

2 Sm 7.12, embora fique evidente pelo versículo seguinte que a promessa não se restringia a Salomão apenas.

O pedido de Salomão é feito em fé. Ele confia na *hesed* divina, que se mostra em fatos concretos de um Deus que atua na história. De um Deus que escolheu um povo e que escolheu em Davi um rei para o seu povo e que estabelece a dinastia de Davi, conforme a sua palavra. Salomão pede pela sabedoria divina, para que o próprio Deus governe e conduza o povo, que é dele, não seu. Conforme Tg 1.5ss, Salomão se aproxima de Deus em fé e tem o seu pedido atendido.

5 Comentários e ponderações homiléticas

Jesus e Salomão, ambos muito jovens estão na presença de Deus e buscam por sabedoria. À semelhança de Salomão, desde jovem, Jesus busca ouvir a Palavra de Deus para obter sabedoria. Diferente de Salomão, ele permanece fiel à Palavra até o fim, rejeitando a ilusão de sabedoria do mundo e permanecendo obediente até a morte, e morte de cruz (Fp 2.8). De maneira que a mensagem do Cristo crucificado é “poder de Deus e sabedoria de Deus” (1 Co 1.24). Ao ouvirmos e atentarmos à Palavra de Deus nos tornamos sábios para a salvação pela fé em Cristo Jesus (2 Tm 3.15). Pela fé nele, Cristo Jesus “se nos tornou da parte de Deus sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção” (1 Co 1.30).

Paulo, desde muito jovem, buscava a Deus, sendo criado aos pés de Gamaliel. Era tão zeloso, que buscava inclusive acabar com os que acreditavam de outra forma, sobretudo da “seita” dos cristãos. Conhecia a Lei, era zeloso, mas não compreendia a *hesed* de Deus, apesar de ser um *hasid*, isto é, um fariseu. Em Efésios ele reconhece que o entendimento e a sabedoria de Deus são doados aos crentes por meio do “mistério” da vontade de Deus, revelado em Cristo. A fé recebe as promessas de Deus, as bênçãos de sua *hesed*/graça, ao ouvir a Palavra do Evangelho de Cristo (cf. Rm 10.16)! Aconteceu com ele, tem acontecido com crentes ao longo dos tempos e acontece ainda hoje. Curioso que se tem como fato que sábio é aquele que tem bastante coisa para falar, mas, biblicamente, verdadeiramente sábio é aquele que sabe que tem bastante coisa para ouvir!

A exaltação da *torah* do Senhor no Salmo 119 não é no sentido de um código moral superior em si mas sim porque ela nos leva a conhecer e experimentar o caráter do Senhor, que embora santo e justo, se autoidentifica assim quando promulga sua lei a Moisés:

“Senhor, Senhor Deus compassivo, clemente e longânimo, e grande em misericórdia (*hesed*) e fidelidade; que guarda a misericórdia (*hesed*) em mil gerações, que perdoa a iniquidade, a transgressão e o pecado, ainda que não inocenta o culpado, e visita a iniquidade dos pais nos filhos, e nos filhos dos filhos até a terceira e quarta geração” (Ex 34. 6-7).

Assim, ouvir as palavras do Senhor é se tornar recipiente da sua *hesed*, a qual ele guarda ao longo das gerações. A promessa a Davi é manifestação concreta desta graça naquele tempo, da qual Salomão se torna parte. A promessa consistia em que de Davi viria alguém cujo reino seria estabelecido para sempre. Ao se cumprir em Jesus, a Palavra que se fez carne, é dito que ele era “cheio de *graça* e de verdade” (Jo 1.14). O Apocalipse afirma que Jesus nos comprou com seu sangue para Deus e nos constituiu reino e sacerdotes e que os crentes reinarão com Cristo (Ap 1.6-8; 5. 10-11; 20.6). A sabedoria que precisamos da parte de Deus é para estar preparado para tão grande dia (Fp 1.9-11).

Por enquanto, vamos vivendo onde Deus nos chamou e capacitados por Deus para atuar lá onde ele nos enviou. À semelhança de Salomão, também precisamos de um coração “ouvinte” para estarmos cada vez mais em comunhão com Deus, permitindo que a sua vontade possa conduzir a nossa. Isso ele faz ao nos perdoar os nossos pecados, não por “wishful thinking” ou pensamento positivo, mas através de sinais claros e visíveis da sua *hesed*, captados pelos nossos sentidos: a proclamação da Palavra e os Sacramentos.

Viver com sabedoria é, tendo sido redimidos pelo sangue de Cristo, vivermos para a glória de Deus lá onde Ele nos coloca e encontrar satisfação nisso. Começa, claro, como diz Pv. 1.9, no temor do Senhor, sabendo que tudo que temos e somos vem dele, o Criador, Redentor e Santificador. Abrange, no entanto, perceber-se embaixador do Reino lá onde Deus coloca, não importa quão trivial a situação possa parecer. É notável que após Salomão ter o seu pedido atendido por Deus, a narrativa dê como exemplo da sua sabedoria em ação o fato dele julgar a causa de 2 prostitutas e não de reis ou então ele em meio a discussões elevadas com pensadores e filósofos. Lá onde Deus nos coloca, podemos empregar a sabedoria que Deus nos dá: nos relacionamentos e desentendimentos familiares, na rotina e impaciência cotidianas, na administração das posses e do dinheiro ou ainda do tempo, na vizinhança e na cidade como cidadãos.

O que aconteceu com Salomão pode servir de lição para nós (Rm 15.4). Não houve homem mais sábio do que ele. Ainda assim, cegado pela aparência de sabedoria e vaidade do mundo, se tornou surdo à palavra de Deus, caindo em insensatez. Permitiu seu coração

ser seduzido pela sabedoria do mundo e seguir após caminhos de idolatria. Provavelmente, não teremos responsabilidades do nível das que Salomão teve, mas o nosso coração também pode deixar de ouvir a palavra de Deus. Pode ser por conta da rotina frenética em que vivemos. Pode ser por conta do orgulho e das aparências que tentamos manter diante dos outros, mais preocupados com o julgamento deles que veem apenas o exterior do que o de Deus, que vê o interior. Pode ser porque somos seduzidos pela lógica do mundo ou por estratégias humanas de conquistar poder, influência e dinheiro. Se ouvimos a Palavra de Deus hoje é porque ainda é tempo de retornarmos de nossos caminhos de insensatez para ouvir o que o Senhor tem a nos dizer. Sempre com o salutar lembrete de Tiago que ao dizermos ouvinte da palavra, já incluamos o “praticante”, até porque para a sabedoria hebraica não há um seccionamento entre ouvir e praticar, isto é, só ouve realmente aquele que permite que a sua vida seja moldada por aquilo que ouve da parte de Deus.

No início de um novo ano é natural as pessoas fazerem projeções quanto ao ano que começa, ao mesmo tempo em que se passa em revista o que já se foi. Queremos aproveitar ao máximo as oportunidades e ir atrás de sonhos e conquistas. Para tanto, é preciso sabedoria. Como filho de Deus, eu paro para ouvir a sua palavra e buscar a sua orientação? Ou acabo fazendo de Deus um “carimbador” de planos e sonhos que já tenho traçados e definidos? Quando eles se confirmam, ótimo! Deus é bom! Mas, e se não dão certo? Começo a questionar a minha fé ou o próprio Deus? Sabedoria também é saber de que a graça de Deus pode se manifestar de forma ainda mais evidente quando ele impede coisas de acontecer ou até tira coisas de nossa vida. Todas as coisas cooperarem para o bem daqueles que amam a Deus (Rm 8.28) tem em vista a comunhão na fé com o Senhor e a nossa salvação eterna, e não apenas vantagens e alegrias terrenas.

No início de 2020 fomos lembrados de que os nossos planos podem ser facilmente frustrados. Tomamos muita coisa por garantido e não nos damos conta de que viver, sorrir, louvar e servir são bençãos maravilhosas da graça de Deus. Quantos sonhos feitos no início daquele ano não ruíram quando a pandemia de Covid 19 se abateu sobre o mundo todo! Foi preciso lembrar mais uma vez que “andamos por fé, e não pelo que vemos” (2 Co 5.7). Isso só é possível quando paramos para ouvir a Palavra de Deus e receber dela a instrução.

Há um cântico cristão cujo refrão diz assim:

“Não olho circunstâncias. Não, não, não,
olho o seu *amor*.

Não me guio por vista, alegre vou!

A sabedoria que precisamos é enxergar a *hesed*/misericórdia/grça/amor de Deus manifestada em Jesus Cristo por nós. O Espírito Santo é quem nos capacita para tanto e não nos abandona, mesmo quando temos dificuldade em entender isso nos eventos e situações da vida (e como temos!). Cada culto é uma nova oportunidade para o Espírito Santo nos instruir em sabedoria e entendimento. Para além do culto, pode ser pensado na mensagem em se tratar sobre a importância de instrução na Palavra no ano que se inicia e dedicar especial atenção às atividades de ensino, serviço e comunhão que a congregação oferece, sobretudo para jovens adultos e adultos de meia idade, tão preocupados em crescer acadêmica e profissionalmente e, por vezes tão atarefados e descuidados com o ouvir da Palavra. Talvez possa ser traçado algum paralelo com a quantidade crescente de cursos, *lives*, *masterclasses*, palestras e outras oportunidades de ensino e instrução que tem atraído cada vez mais pessoas, sobretudo em formatos online. Também pode ser uma oportunidade de despertar a congregação para a necessidade de um ministério digital/online mais efetivo, com oferta de material, encontros, cursos, etc. O Espírito Santo pode agir como e onde lhe apraz, mas a igreja é o local por excelência onde as pessoas podem receber a sabedoria de Deus, que ele quer distribuir a todos (Tg 1.5), quer elas estejam lá presencialmente, quer conectadas através da internet.

Além disso, sempre é importante destacar a vivência e instrução da Palavra no lar. Com isto em mente, e sabendo que aprendemos melhor aquilo que ensinamos, não seria interessante criar uma oportunidade, online ou presencial, de instrução a pais de crianças pré-ensino confirmatório (8 a 12 anos) para que possam reaprender as 6 partes principais da fé cristã para poderem instruir os seus filhos antes do ensino confirmatório formal? Seria uma oportunidade de os cristãos adultos revisitarem as verdades básicas da fé, fundamentais para adquirir sabedoria diante de Deus, para poderem se envolver realmente na vida espiritual de seus filhos, além de um momento para compartilharem alegrias, tristezas e dificuldades quanto à educação dos filhos nos caminhos do Senhor – o que poderia abrir oportunidades para o pastor ministrar a sabedoria da palavra de Deus nas realidades familiares de seus congregados. Além de fortalecer a fé de pais (avôs e padrinhos poderiam ser incluídos também, caso se quisesse), propiciaria que as crianças chegassem mais preparadas e tivessem mais proveito da instrução de confirmandos na igreja, de forma a crescerem “em sabedoria, estatura e graça, diante de Deus e dos homens” (Lc 2.52).

Rev. Paulo Albrecht